



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

Fátima, a Lourdes de Portugal

Aos pastores a Virgem Maria
quiz rasgar dos mistérios o véu,
e hoje, em Fátima, a Cova da Iria
é um lindo cantinho do Céu.

(Do hinário de Fátima)

Onze anos depois — A visão de Lúcia de Jesus — A confidente da Rainha do Rosário — O apelo divino — A eleita do Rei de Amor.

Corria o ano de 1917, ano assás memorável e sobre todos glorioso na divina história dos episódios maravilhosos da Lourdes portuguesa. No dia treze de Maio, a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial de Fátima, numa pequena colina, onde em breve se erguerá o templo mais gigantesco, o santuário mais venerando da lusa terra, três crianças inocentes, que guardavam um minúsculo rebanho de ovelhas, depois de haverem rezado em comum o terço do Rosário, tinham-se sentado no chão para começar a construir com pedras toscas e soltas uma casa em miniatura.

Era a hora do meio-dia astronómico. Nas alturas, o astro-rei, em pleno zénith, resplandecia com o mais vivo fulgor e nem uma só nuvem empanava a limpidez puríssima da abóbada celeste. De repente, o clarão fulgurante dum relâmpago cortou os ares, fazendo convergir para o firmamento os olhos e a atenção dos pastorinhos. Lúcia, a mais velha das três crianças, que contava dez anos de idade, julgando imminente uma trovoadá, a-pesar-da perfeita serenidade da atmosfera, levantou-se e convidou os primos, Francisco e Jacinta, a recolherem o gado a suas casas.

Quando desciam a encosta, atrás do pequenino e dócil rebanho, um novo relâmpago rasgou o espaço e, a pouca distância sobre a copa duma azinheira, apareceu o vulto gentilíssimo duma jovem senhora, circundado de intensa luz e resplandecente de sobrenatural beleza.

Por momentos, as crianças hesitam perplexas e chegam a pensar em fugir. Mas para logo um gesto gracioso da Aparição as demove do seu propósito, filho da timidez e do medo, e uma voz suave e encantadora as convida a aproximarem-se da azinheira.

Desde aquele dia do mês de Maria, em que, a uma pergunta da protagonista das aparições, a misteriosa Senhora declarou que vinha do Céu, até igual dia do mês do Rosário, seis meses depois, inefáveis colóquios se realizam entre a Virgem e a angélica menina, tornada a sua íntima confidente pela missão grandiosa de que a incumbem e pelos segredos impenetráveis que lhe confia.

A' débil voz da humilde e desconhecida pastorinha acorrem as multidões, ávidas de sobrenatural, e centenas de milhares de pessoas, impulsionadas pela sua fé e pela sua piedade, veem prestar as suas homenagens à Rainha do Céu no local que Ela própria escolheu para a erecção do santuário máximo das maravilhas es-

tupendas do seu poder e da sua ternura maternal.

Debalde os representantes do poder-civil tentaram coagir a vidente a retratar os seus assertos e nem as promessas e ameaças nem a própria prisão e a perspectiva duma morte violenta e horrorosa lograram arrancar-lhe os segredos invioláveis do Alto.

Realizado no dia treze de Outubro o estupendo sinal de Deus, vaticinado três meses antes pela privilegiada da Virgem para confirmar a veracidade dos seus depoimentos e presenciado com assombro e extrema comoção por mais de sessenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, Lúcia de Jesus tinha concluído a sua missão de embaixatriz da Mãe de Deus, augusta Padroeira de Portugal.

A' semelhança do precursor S. João Baptista, doravante ela tem de se diminuir, de se apagar, de quasi desaparecer aos olhos do mundo, para que só a Virgem seja glorificada e a sua obra assuma as proporções da mais colossal maravilha do século vinte... E' indispensável que momentaneamente caia no olvido o instrumento frágil e desproporcional de que a Divina Providência se dignou servir para iniciar essa obra. Como Bernardette Soubirous, a humilde pastorinha dos Pyreneus, a feliz vidente de Fátima vai preparar-se para outra missão que mais de perto lhe interessa, porque a ela estão ligados os seus destinos imortais, a tarefa grandiosa da sua santificação e salvação eterna.

Terminada a sua educação num colégio do Norte, onde viveu muitos anos entregue à prática de todas as virtudes, obedeceu sem hesitar ao chamamento divino, saindo do seu país e entrando no Noviciado duma das mais illustres e beneméritas Congregações religiosas.

A atmosfera do Noviciado, tãda impregnada de oração, de sacrifício e de amor, era sem dúvida o elemento que convinha à sua vida espiritual, após a formação do Colégio.

Ali, ocupada nos serviços mais grosseiros da casa, edificava a todos com a sua profunda humildade e a sua exacta observância do regulamento e a Rainha do Céu favorecia-a com novos privilégios, como penhor da sua predilecção especial.

Um ano depois, no dia 3 de Outubro de 1928, aos vinte e um anos de idade, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, devia presidir, em nome da Santa Igreja á cerimonia da sua profissão religiosa e ella, cheia de júbilo e reconhecimento, consagrava-se dum modo especial ao serviço de Deus, pronunciando com um fervor angélico os votos de pobreza, obediência e castidade.

Tal é a humilde pastorinha de Aljustrel, a quem Deus confiou a missão mais estrondosa dos nossos tempos e que a desempenhou com uma paz tão profunda e com um desprendimento tão completo de si mesma que é esse o primeiro milagre

UMA FLOR DO CLAUSTRO

A profissão religiosa de Lucia de Jesus, protagonista das aparições de Fátima

Linda, alegre e encantadora, cheia de vida, luz e cor, rescendendo aos suaves perfumes das flores do Outono, raiou a manhã, para sempre memorável, do dia 3 de Outubro de 1928.

Os relógios das torres da vetusta e histórica cidade acabavam de dar pausadamente as oito horas.

tre da sua nobilíssima classe entra na linda e devota capela, onde vítimas voluntárias de reparação e expiação todos os dias elevam para o Céu o incenso das suas preces ardentes, a mirra das suas virtudes acrisoladas e dos seus sacrifícios e o ouro dum amor precioso e sem liga, heroico e santo.



Photografia de LÚCIA DE JESUS (V. as grandes maravilhas de Fátima, pelo V. de Montelo), aos 16 anos, e que no dia 3 de outubro corrente fez os seus votos numa Congregação religiosa.

Numa das casas religiosas mais credoras de consideração e estima pelas suas excelsas benemerências, nessa estância de paz bemdita, onde cada ano, tantas almas, cândidas e inocentes, contraem místicos esponsais com Jesus, o divino Rei dos reis, uma falange escolhida de virgens faz os derradeiros preparativos para o enlace misterioso há muito tempo suspirado, o sublime e inefável himeneu com o celestial Esposo. Todos estão já a postos para a tocante solemnidade que se vai realizar. Um sacerdote português, honra e lus-

Era sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, primeiro Bispo de Leiria, depois da restauração da diocese, que devia presidir á cerimonia, expressamente convidado para esse fim. Motivo de força maior iniciava de comparecer.

O recinto sagrado regorgita de fiéis. Em logares de destaque veem-se alguns convidados de elevada categoria.

Aproxima-se o momento solene, ansiosamente esperado, dos místicos esponsais das venturosas donzelas que vão consa-

grar-se para sempre, dum modo especial ao serviço daquele adorável Senhor, a quem servir é reinar.

Em atitude modesta e recolhida, e na mais perfeita e edificante compostura, mas palpitantes de intenso e comovido júbilo, elas ali estão, em fila, nas longas bancadas da capela, de mãos postas e olhos fitos no Céu, orando incessantemente e com fervor.

Confundida com as demais, há uma, que nada assinala à atenção dos circunstantes, mas que merece uma referência sobremaneira particular.

E' Lúcia de Jesus, a feliz vidente de Aljustrel, a principal protagonista das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, a Lourdes de Portugal.

Esta tenra e mimosa flor dos campos, colhida entre as arzes e azinheiras da serra de Aire, e transplantada do pátrio solo para uma nesga de terra estrangeira, onde o respeito dos direitos da Consciência humana não se reduz a uma palavra vã e a liberdade para o bem não é uma ficção, lá se vê, no meio das flores nascidas, noutros climas e sob outros céus, pronta a embalsamar perenemente com o seu delicioso aroma a ara santa e o ambiente do angusto santuário.

O ilustre oficiante revestido dos paramentos sacros, entoa o *Veni Creator*, invocando sobre as futuras esposas do Redentor as luzes e graças do Divino Paráclito, o Amor increado e consubstancial.

A comunidade religiosa e a multidão dos fiéis cantam o admirável hino litúrgico, que o órgão acompanha com a sua voz magestosa e plangente, convertendo-o num cântico de glória, num hino vibrante de ressurreição e de triunfo.

Em seguida o ministro sagrado, pronunciando as orações do Ritual benze o crucifixo destinado à futura professa, asperge-o com água lustral, servindo-se para isso do hissope, e depois procede da mesma forma à bênção do véu.

Concluída a última oração, volta-se para o noviça e diz-lhe:

— «Minha filha, que é que pedes?»

Lúcia de Jesus, grave e austera na sua graciosa simplicidade, responde com uma voz firme e pausada:

— «Peló amor de Deus e de Maria Santíssima, minha terna e cara Mãe, peço a graça de ser admitida neste santo Instituto, para nele me consagrar de todo ao serviço de Deus e à salvação do próximo, e de me ligar também com os votos de Pobreza, Castidade e Obediência, que desejo fazer segundo o espírito e regras deste mesmo Instituto.»

E o interessante e comovente diálogo continua, cada vez mais vivo e animado, entre o venerando sacerdote, que representa a Santa Igreja e fala e procede em nome dela, encarecendo a grandeza e importância do acto da profissão religiosa e os deveres e responsabilidades que lhe estão inerentes, e a humilde e despretenciosa menina, que responde sem hesitar, firme e inabalável na sua generosa resolução e cheia de confiança filial na bondade onipotente do Altíssimo.

— «Tens pensado bem nas obrigações que andam anexas a estes votos?»

— «Sim, seriamente o tenho pensado, e espero, com o auxílio de Deus e a intercessão de Maria Santíssima e da Santa Padroeira deste Instituto, poder cumprilos e é por isso que peço a graça de mos receber.»

— «Renunciaste com toda a liberdade e com todo o coração ao século e a todas as pretensões mundanas?»

— «Sim, Reverendíssimo Senhor.»

— «Então queres tomar a Jesus Cristo por teu Espôso?»

— «Sim, com todo o meu coração.»

Nesta altura o ministro do Senhor apre-

senta o crucifixo à noviça e, dando-lho a beijar, diz:

— «Recebe, minha filha, esta cruz na qual está pregado Aquele que deve ser o teu modelo e o único objecto de todo o teu amor.»

E acrescenta as palavras seguintes que são como que a forma substancial dos místicos desposórios, que se estão realizando:

— «Seja o teu Amado como um fascículo de mirra e faça do teu coração a sua morada permanente, em penhor duma união eterna e dum eterno amor. *Sit tibi fasciculus myrrhae dilectus tuus, et super cor tuum commoretur, in signum amoris et unionis sempiternae.*»

Segue-se a imposição do véu, durante a qual o oficiante diz:

— «Recebe o jugo do Senhor; o seu jugo é suave e o seu peso é leve.»

Proferidas estas palavras, dá-lhe a bênção e depois paramenta-se para rezar a santa Missa.»

Começa o incruento sacrifício dos nossos altares.

O silêncio é mais profundo, o recolhimento mais intenso, a oração de todos mais fervorosa.

Pairam vagamente naquele ambiente sagrado harmonias celestiais.

Dir-se-hia que os Anjos da guarda do Sacrário, onde repousa na Hóstia sacrosanta o Divino Rei de amor, unem dum modo sensível as suas alegrias e o seu gozo aos júbilos das almas congregadas naquela casa de Deus.

E' chegada a ocasião de ministrar o Pão vivo descido do Céu. Mas, antes disso, o celebrante volta-se, com o Santíssimo Sacramento nas mãos, para a eleita do Senhor que, com voz clara, mas comovida, pronuncia, em face do Céu e da terra a sua consagração—a fórmula dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Feitos estes votos, a irmã aspirante entrega à Superiora a fórmula dos mesmos assinada por sua própria mão e depois recebe o Pão dos Anjos.

Terminada a Missa, o representante da Igreja faz uma exortação à Irmã aspirante. São palavras paternais dirigidas à ovelhinha querida da grei espiritual do venerando Prelado de Leiria, à Bernadette da Lourdes da sua privilegiada Diocese.

Intima-lhe, mais uma vez, o dever rigoroso de cumprir as promessas sagradas e invioláveis que acaba de fazer perante os santos altares.

Recomenda-lhe com particular empenho a observância das constituições e regulamentos da gloriosa e benemérita congregação a que tem a honra e a ventura de pertencer.

E, concluindo, faz ardentes votos ao Céu para que, fiel às inspirações da graça divina, se eleve nas azas da humildade e da confiança, aos páramos da perfeição espiritual, às culminâncias da santidade.

O cântico do *Te Deum*, versículos e orações do estilo, põs remate a esta solenidade simultaneamente singela e grandiosa, a que os ritos e cerimónias da liturgia cristã imprimem um cunho de beleza e majestade incomparável.

Lúcia de Jesus, em religião Irmã Maria Lúcia das Dóres, flor dos campos hoje convertida em mimosa flor do claustro, será mais um pára-raios erguido sobre esta infeliz terra de Portugal, outrora pátria de heróis e de santos, a fim de desarmar a cólera divina, irritada com as culpas individuais e com os desvarios colectivos, e atrair para este abismo insondável de iniquidade torrentes caudalosas e incessantemente renovadas de perdão, de graça e misericórdia.

Visconde de Montelo

sucessos maravilhosos, põe um remate condigno áquele espectáculo emocionante de Fé e piedade. Começa então a adoração nocturna. Preside ao primeiro turno de adoração o rev. do dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas. O rev. do Domingos Gonçalves, de Guimarães, director das Oficinas de S. José, que presidia á peregrinação daquela cidade dirige o segundo turno de adoração falando com ternura do Deus de amor, a Divina Eucaristia. As primeiras horas da manhã principiam as missas, que continuam quasi sem interrupção até ao meio dia solar. Milhares de comunhões são distribuídas por diversos sacerdotes, desde a primeira à última missa, sendo deveras encantadora e emocionante a piedade fervorosa dos romeiros, que, desejando receber dignamente nos seus peitos o Rei do Céu e da terra, se tinham preparado para esse acto por meio duma confissão bem feita dos seus pecados no santo tribunal da Penitência.

Jesus une-se intimamente às almas, na Sagrada Comunhão, para ser o alimento da sua vida sobrenatural e ali, naquele logar privilegiado, derrama sobre elas, mercê da intercessão valiosíssima de sua augusta Mãe, as melhores graças e as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas dos tesouros riquíssimos e inexauríveis do Céu.

O Seminário de Beja — Peregrinação do Porto — Peregrinação de Lamego — Peregrinação de Vila de Rei — Peregrinação da Serra (Tomar).

O ilustre e venerando Antistite da Igreja Pacense, Senhor D. José do Patrocínio Dias, nomeado interinamente pela Santa Sé director da Obra das missões do clero secular português, em substituição do grande Bispo missionário, o senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, ausente na Índia em serviço da Religião e da Pátria, fez transferir para o edifício do Convento de Cristo, em Tomar, afim de passarem ali o período das férias grandes, os alunos do seu seminário diocesano. Encontrando-se assim a poucas léguas de distância do Santuário Nacional de Fátima, os jovens e piedosos seminaristas aproveitaram o ensejo para o visitar comovidamente e render o preito da sua veneração e do seu amor à Rainha do Santíssimo Rosário, no local que Ela houve por bem santificar com a sua presença e distinguir com as finezas mais assinaladas da sua ternura maternal. Viam-se também, em número bastante avultado, alunos doutros seminários, sobretudo do seminário episcopal de Leiria.

Do Porto, freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Glória, veio a Fátima uma numerosa e luzida peregrinação, que tinha como director espiritual o Rev. Abade Soares Monteiro. «Os meus peregrinos, como atesta o seu zeloso pastor em carta datada de 18 de Setembro e endereçada ao administrador da «Voz da Fátima», foram à cidade das aparições, movidos pelo amor a Nossa Senhora, e por isso portaram-se na viagem e em Fátima como católicos dignos deste nome: assistiram a todos os actos de piedade, tomando parte na recitação do Rosário, na comunhão geral, e incorporaram-se na procissão com o seu lindo estandarte, que foi conduzido pelo sr. Sebastião Ventura, ladeado doutros peregrinos com opas brancas e o menino Carlos revestido de batina e cota, cantando as senhoras e *Avê* sob a direcção da menina Aurora e os homens sob a regência do Sr. Luís Monteiro. Diversas ofertas foram dadas à Virgem de Fátima pelos meus peregrinos, sendo a mais importante a de uma pulseira de ouro que a senhora D. Olga, em cumprimento dum voto, colocou por suas próprias mãos na Imagem da Senhora. A viagem, a-pesar de longa, fez-se sem incidentes desagradáveis e todos nós encontramos bem as pessoas das nossas famílias, e eu, que sofria bastante de intermitências cardíacas, agora nada tenho sentido que me incomode, desde esses santos e inolvidáveis dias da minha visita a Fátima.»

A diocese de Lamego trouxe aos pés da Virgem de Fátima mais de duzentos peregrinos, que fizeram a longa viagem em dez camionetes. Foram acompanhados por doze sacerdotes, que dirigiam os actos de piedade durante o percurso, um em cada veículo. Além doutras freguesias, havia representantes de Petarouca, Cambres, Pessude, Magueja, S. Martinho de Mouros, Rezende, Lalim, Bretiande, Mezio e Monteiros.

Realizou-se este mês a peregrinação anual de Vila de Rei. E' a segunda vez

que ela se efectua. Organizada com todo o esmero pelo seu zeloso e incansável pároco, o rev. Rafael Jacinto, impõem-se a todos como uma peregrinação modelar, sendo decerto notáveis e copiosos os frutos espirituais que alcança para quantos dela fazem parte.

A populosa e crente freguesia da Serra, Tomar, enviou igualmente neste mês à Lourdes portuguesa uma importante e vistosa embaixada. Dirigia os actos colectivos da piedosa romagem o rev. José Dias Rodrigues, activo e zeloso pároco daquela freguesia. As opas encarnadas dos peregrinos e os lenços brancos das Filhas de Maria punham uma nota acentuada de colorido e de graça na imensa mancha escura da Cova da Iria.

Outras peregrinações — A procissão da Virgem — A missa solene — A bênção dos doentes — O sermão oficial — O êxodo dos peregrinos.

Outras peregrinações se efectuaram ainda este mês, embora formadas por menor número de devotos da Virgem de Fátima. De Tondela vieram 80 pessoas, de Vila Seca 40, de Moledo (Lourinhã) 60, acompanhadas pelo pároco, rev. Joaquim Lopes Seixal, do Arieiro (Coimbra) 40, sob a direcção do pároco rev. Manuel Estrêla Ferraz, da Várzea (Santarém) 60, sob a presidência do pároco rev. Manuel Duarte, de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho) 60, tendo à sua frente o rev. cônego José Simões Maio, etc.

Pouco antes do meio dia solar, formase o cortejo que acompanha o andar da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas. E' uma das scenas mais patéticas das cerimónias comemorativas do dia treze. A multidão rompe em vivas à Virgem, saudando-a com os lenços, aclama-a com palmas. Ao meio dia em ponto, depois de cantado o *Credo* em voz alta por toda a assistência, principia a Missa dos doentes. Emquanto se celebra o augusto sacrificio dos nossos altares, ouve-se constantemente o brando ciciar de mil preces, os suspiros abafados dos enfermos e, por vezes, os cânticos da multidão, vibrantes de entusiasmo. Concluída a missa, o celebrante dá a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento, cerimónia sempre bela e sempre tocante, e por fim, depois de cantado o *Tantum ergo*, abençoa o povo.

O rev. Domingos Gonçalves, subindo ao púlpito, profere, diante do microfone, um sermão apropriado às circunstâncias, que numerosos megafónios reproduzem e transmitem a distância.

São quasi cinco horas da tarde.

Os peregrinos, pouco a pouco vão regressando aos lares distantes. As suas almas, retemperadas naquele cadinho imenso de Fé e piedade e saturadas do ar puro e vivificante da atmosfera sobrenatural que ali as envolve, sentem-se mais fortes para as lutas incruentas mas por vezes formidandas da existência. Os doentes, sobre os quais o Anjo do conforto celeste fez descer o doce bálsamo da resignação cristã, acham agora menos pesada a cruz dos seus sofrimentos e conformam-se santamente com os designios adoráveis da Providência.

Algumas horas mais tarde, aquele local privilegiado — testemunha muda de tanto amor e de tanta dor — está convertido num ermo silencioso e triste, que o manto escuro da noite torna mais triste ainda, descendo lentamente das cumiadas da serra de Aire sobre a misteriosa e encantadora Fátima, a estância bem dita das aparições da Virgem do Rosário, a Lourdes de Portugal.

Visconde de Montelo

OUTRO ANO

Entra hoje no 7.º ano da sua publicação a *Voz da Fátima* de que já se fez até agora uma tiragem de dois milhões de exemplares, cabendo ao último ano a tiragem de mais de quinhentos mil.

Se cada um tiver sido causa de um acto de amor de Deus e de veneração e também amor à nossa querida Mãe do Céu, que magnífica recompensa para o nosso trabalho!

Consola-nos a lembrança de que o jornalzinho terá contribuído para este movimento formidável, mesmo colossal, de Portugal, para Deus, (e

Continuação do artigo FÁTIMA, A LOURDES DE PORTUGAL

de Fátima, como a ditosa vidente é a mais bela prova da realidade das aparições.

A procissão das velas — A adoração nocturna — O Rev. Domingos Gonçalves, de Guimarães — As missas e comunhões — A piedade edificante dos fiéis.

No dia doze de Setembro último, às dez horas e meia da noite, realizou-se, na forma do costume, a linda e comovente procissão das velas. Numerosas peregrinações, que tinham chegado durante a tarde, incorporaram-se com os seus estandartes no majestoso cortejo, que percor-

reu o itinerário tradicional. A beleza e serenidade daquela noite de verão, a extraordinária afluência de romeiros, a grande profusão de luzes, os cânticos dos fiéis, as súplicas fervorosas e veementes, a recitação piedosa e cadenciada do terço, a simplicidade encantadora e a vastidão imensa daquele templo sem igual, cujo pavimento é o solo escaldado da montanha e cujo tecto é a abobada celeste constelada de miríades de astros rutilantes, convertem a estância bem dita das aparições num delicioso e incomparável cantinho do Céu e impregnam e saturam de eflúvios sobrenaturais o ambiente perfumado que ali se respira. O canto do *Credo*, em frente da capela-padrão dos

já com bastante repercussão no estrangeiro) sob os auspícios e devoção a Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

O Jornal é distribuído gratuitamente na Fátima e noutros pontos. Só têm, porém direito a recebê-lo, pelo correio, as pessoas que enviarem directa e adequadamente o mínimo de dez escudos. Não mandamos fazer cobranças. Lembramo-nos de que os assinantes são tão interessados como nós nos progressos da Voz da Fátima. Estão em dívida bastantes.

Muitas pessoas mandam generosamente quantias superiores, certos de que a sua generosidade vai reverter por completo a favor de tantas outras pessoas a quem vai ser distribuído o jornal cuja tiragem quereíamos que este mez, se houvesse

tempo, atingisse cerca de cem mil exemplares.

Não extranhem que fiquem sem resposta cartas a pedir-nos agua da Fátima e outros objectos. E' que o tempo é pouco para outras coisas mais urgentes.

Podem dirigir-se a José d'Almeida Lopes — Fátima (Vila Nova d'Ourem). Posto que a agua seja gratuita ha a contar com o correio, lata e acondicionamento, o que tudo, principalmente para o estrangeiro, fica bastante caro.

Agradecemos qualquer reclamação ou indicação que nos façam. Devem indicar sempre o numero da assignatura para serem atendidos com prontidão.

porcionou todas as comodidades para eu estar relativamente bem. Aqui lhe agradeço todos os seus carinhos. Pelo meu retrato que junto envio ela me reconhece. A esta senhora e a uma outra que eu tambem não conheço, agradeço o carinho com que me trataram e o esforço que fizeram para me transportar no aparelho a que acima me refiro quando tive de sair do recinto em que estava para depois voltar. Sentada ou recostada no colchão que me forneceram, passei toda a noite; sempre com mais ou menos dores que duraram até à missa do Sr. Bispo de Leiria durante a qual comecei a sentir bastantes alívios que se foram acentuando até à missa dos doentes em que me senti completamente bem, estando já neste agradável estado quando me foi dada a benção do SS. Sacramento.

Quando os servitas me apresentaram a maca para nela me transportarem, pensei em não aceitar por me parecer que estava boa; mas como poderia ser uma ilusão aceitei-a, e assim fui acompanhando a imagem de Nossa Senhora e depois para a camionete juntar-me aos meus companheiros de peregrinação. No nosso regresso senti-me sempre bem: acompanhando a recitação do terço e os canticos com todo o entusiasmo como era proprio que tivesse quem se via livre de dores tão cruciantes, que me tinham atormentado durante cinco anos. Quando chegamos a Alcobaca, desci, sem auxilio de ninguem da camionete que estacionou junto ao quarteirão de casas que fica defronte da Igreja do Mosteiro. Com toda a facilidade atravessei o largo, subi as escadas, entrei na Igreja e fui até ao altar mór. Depois de fazer a minha oração regresssei á camionete onde os peregrinos me esperavam, dando todos graças a Nossa Senhora pelo beneficio tão grande que me acabava de fazer. Parecia-me um sonho e não uma realidade.

Para gloria de Nossa Senhora, todos os peregrinos se apearam, organizamos o cortejo com as bandeiras que levamos das Congregações das Filhas de Maria e da Congregação de S. José, e entoando canticos e dando vivas a Nossa Senhora, que eram correspondidos com entusiasmo pelas pessoas que se encontraram pelas ruas, indo eu á frente com as minhas muletas debaixo do braço.

E assim saímos da Vila de Alcobaca no meio da nossa maior alegria e gratidão a Nossa Senhora.

Não mandei este relato no mez de julho porque o meu medico me disse não ser conveniente passar já o atestado; mas deixar passar um mez para que a cura não fosse atribuída a sugestão. Esperei o prazo indicado. Junto envio o atestado do Senhor dr. Mario, meu medico que sempre me tem assistido nesta doença e cujos cuidados e interesses aqui lhe agradeço.

Vai tambem o meu retrato para que as pessoas que me tenham visto no Santuario de Nossa Senhora, conheçam aquella a quem Nossa Senhora quiz dispensar uma tão grande graça.

Mas tanto o relato da minha doença e curas, como o atestado e retrato que envio representam o desafogo da minha gratidão á SS. Virgem. Ahí, de tudo o que vai, façam o uso que quiserem. Eu continuo bem. E a todas as pessoas que tiverem conhecimento deste tão grande beneficio peço as suas orações para que eu durante toda a minha vida não me torne menos digna da graça que Maria fez á sua filha.»

ATESTADO

Mario Pereira da Costa, Facultativo Municipal e Sub-Inspector de saúde do Concelho do Cadaval.

Atesto e juro sob minha honra que a Sr.^a Maria Emilia Fernandes de trinta e oito annos de idade, natural e residente no lugar e freguezia de Vilar, deste Concelho, se achava impossibilitada ha cinco annos, de se entregar ás suas occupaões, em virtude de sofrer duma sciatica esquerda, com scoliose homologa, encontrando-se hoje completamente restabelecida, sendo digno de notar-se a cura ter sido obtida radical e repentinamente.

Por ser verdade, passo o presente, que assino.

Cadaval, 18 d'agosto de 1928

(a) Mario Pereira da Costa

(segue o reconhecimento)

Manual do Peregrino da Fátima

Está publicada e à venda a segunda edição, bastante aumentada sobretudo na parte respeitante á música que acompanha os hinos e canticos. O mesmo preço da 1.^a edição (3\$50).

Na União Gráfica (rua de Santa Marta 150 — Lisboa) e na redacção da Voz da Fátima — Leiria.

Myelite crónica

Fernanda de Jesus, de Setúbal, curada repentinamente na Fátima em 13 de julho, e de quem já aqui falámos em agosto.

Segue o atestado médico, que é bem frizante e claro:

ATESTADO

Francisco de Paula Borba, médico e director do Hospital da Misericórdia de Setúbal

Declaro que a sr.^a Fernanda de Jesus, de 30 annos de idade, casada com o sr. João Gomes Nogueira, esteve internada por várias vezes com permanência de meses, na enfermaria de Santa Izaabel do Hospital da Misericórdia de Setúbal e em tratamento com uma myelite



Fernanda de Jesus

crónica de origem não determinada. A doente conservou-se sempre em decúbito dorsal, paraplegia completa, dificuldade nos movimentos dos braços e da cabeça, sentando-se na cama só com o auxilio duma enfermeira.

Neste Hospital, como no de S. José em Lisboa onde igualmente esteve internada, foram-lhe applicadas várias medicações especificas conservando-se a doente sempre no mesmo estado.

Em 11 de Julho do corrente anno e a seu pedido, foi concedida alta provisória, regressando passados quatro dias, a mesma enferma nas seguintes condições:

Passeia na enfermaria apoiando somente o braço no ombro duma auxiliar; os movimentos apesar de sensivelmente descoordenados, são feitos voluntariamente; os movimentos de lateralidade e flexão da coluna vertebral e cabeça, que os não executava, fál-os com relativa facilidade e passou a dispensar a enfermeira como auxiliar nos seus serviços de limpeza.

Por me ser pedido passo a presente declaração que assino sob minha honra profissional.

Setúbal, 31 de julho de 1928.

(a) Francisco de Paula Borba (Segue o reconhecimento)

A propósito desta cura tomamos a liberdade de publicar aqui parte duma carta da dedicadíssima servita que cuidou da doente em 13 de julho. Ela que nos perdoe.

Diz ella:

«Fiquei cheia de pena de sair de Fátima no passado dia 13 tanto á pressa, sem lhe falar em alguns pormenores, que se passaram na ocasião daquele milagre da mulher de Setúbal, que eu presenciei. E sabe porquê? Porque receio que ao publicá-lo, sejam invertidos esses pormenores do que eu tenho bastante pena pelo facto de julgarem depois as coisas erradamente. A própria mulher fazia as suas confusões, dizendo que foi ao agarrar-se a Nossa Senhora que se curou, mas eu fiquei na certeza que o milagre foi a benção do Santíssimo porque o senti, e o vi, tanto quanto foi possível. Vou contar-lhe as coisas como se passaram, e oxalá vá ainda esta a tempo para ir para o jornal o caso mais claro. Quiz escrever logo mas não foi possível. Quando a mulher appareceu no recinto dos doentes fez-me impressão a sua cara de grande sofrimento e o seu grande abatimento por tanto sofrer. Depois de ter empregado todos os meios para lhe ajudar a levantar o espirito, ella dispôs-se a uma conformidade completa, abando-

As curas de "FÁTIMA,"

Sciática

Maria Emilia Fernandes, da Congregação das Filhas de Maria de Vilar (Cadaval) em carta de 22 d'Agosto ultimo, diz:

«Na Voz da Fátima venho publicamente agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima a cura, para mim verdadeira-



Maria Emilia Fernandes

mente miraculosa, que por Sua intercessão obtive no dia 13 de Julho do corrente anno de 1928.

Ha 5 annos que eu vinha sofrendo uma dor num quadril, que o meu medico, Dr. Mario Pereira da Costa, medico municipal e sub-Delegado de saúde na Vila e Concelho do Cadaval, diagnosticou de dor sciatica, como consta do atestado junto que envio. Receitou-me varios medicamentos internos e externos, applicando-me tambem por duas vezes pontas de fogo, mas sem resultado algum, vindo-me forçada a estar de cama mezes seguidos. Levantava-me, se sentia alguns alívios, que em pouco tempo desapareciam, chegando novamente a deitar-me.

Como, em tempo, tive uma enfermidade de no joelho da mesma perna onde tinha a dor e os banhos do mar lhe davam vigor, pensei que tambem me aliviariam ou tirariam a dor, e depois de consultar o Sr. Dr. Mario, que concordou comigo, fui para a praia da Nazaré.

Tirei bom resultado, porque depois de lá vir estive uns sete mezes, senão livre totalmente de dores, ao menos com possibilidade de me entregar aos trabalhos em que costumava occupar-me.

Passado este tempo agravou-se o meu mau estar, continuando a sofrer dores insuportaveis, vindo-me novamente forçada a estar de cama, mezes seguidos. Aconselhada pelo meu medico fui fazer uso das águas das Caldas da Rainha que absolutamente nada me aliviarão: nem enquanto lá estive nem depois de vir para casa.

Nesse mesmo anno fiz uso de banhos de mar que deram alguns alívios enquanto estive na praia; porque quando voltei para casa o meu sofrimento continuou a ser horrível a ponto de não poder dar um passo; vindo-me forçada a usar de muletas para dar alguns passos. Quando a distancia era superior a uns cem passos, nem mesmo com as muletas podia caminhar.

Tornei a banhos de mar frios e quentes, mas sem resultado.

A minha vida durante cinco annos passei-a sentada com a perna estendida, ou deitada: a não ser nos sete mezes em que falei, ainda que tambem durante elles sentia mais ou menos dores.

Por iniciativa das filhas de Maria desta freguezia do Vilar, concelho do Cadaval, organisou-se uma peregrinação a Nossa Senhora de Fátima e eu inscrevi-me para ir; mas para ir como as demais pessoas iam, sem ter ideia fixa nem esperanza fundada de que viesse curada; não porque Nossa Senhora não fôsse capaz de me dispensar tal beneficio, mas porque me considerava indigna de tão grande graça.

Surge porém a dificuldade de eu me transportar porque eu queria ver os templos de Alcobaca e da Batalha e não podia andar. Não podia ir ao colo de ninguem por impossível de o fazer a uma mulher de 38 annos, e de ossatura forte como eu tenho. Pensou-se em improvisar uma maca, mas este meio de transporte causava-me impressão: e ficar na camionete, quando todos saíam para ver, tambem deveras me afligia. Por alvitre de meus irmãos utilizei um cobertor que dobrei convenientemente pregando-lhe nas extremidades duas grandes presilhas que duas pessoas enfiaram a tiracolo levando-me assim sentada. Neste aparelho fui transportada sentando-me no cobertor e passando os braços sobre os ombros dos homens e das minhas amigas que tão carinhosamente me quiseram levar. A todos que me levaram, aqui deixo ficar a expressão do meu mais vivo reconhecimento. Deste modo visitei as igrejas de Alcobaca e Batalha para onde me levaram tirando-me da camionete em que íamos, succedendo o mesmo quando chegámos á Cova da Iria. Quando, porém, me transportaram desde o portão do Santuario até ao pavilhão dos doentes tive dores tão grandes que se o pavilhão fôsse mais distante eu já não aguentava. Sentei-me no primeiro banco que encontrei e estendi a perna para aliviar as dores. Uma senhora que eu não conhecia nem conheço, observou-me que eu assim occupava o lugar de outras pessoas. Conhecendo pela minha resposta que era uma doente entregou-me ao cuidado de uma caridosa serva de Maria que me pro-

nando-se inteiramente à Vontade de Nosso Senhor, oferecendo-lhe a sua vida com todos os sofrimentos mais que Nosso Senhor lhe desse, como reparação das ofensas que Ele recebe, e oferecendo-lhos pela conversão dos pecadores. E quando Nosso Senhor passava, eu quiz levantá-la, o que só consegui levantando-a só com o colchão, e com essa cara que revelava ainda todo o sofrimento, e ao terminar a bênção, para que eu pudesse receber a bênção geral, deitei-a. Então é que eu senti a cura dela, completamente, com o rosto transformado, revelando, não já sofrimento mas júbilo e satisfação, e quando eu lhe disse: pode ter a certeza que leva daqui um grande milagre, muito maior do que aquele que ali ia pedir, ela, com o rosto e o olhar por completo transfigurados, responde-me: sinto-me melhor, e eu com a preocupação doutros doentes, que estavam ao lado, e com o desejo de acompanhar os actos que se seguiram á bênção desviei a atenção dela mas já na certeza do grande milagre que estava feito, e sem me preocupar com a ideia de a ver a andar, ajudei-a a tirar dali para ela seguir atraz do andor quando retiravam a Imagem na procissão. Mas só ao chegar ao lugar das aparições, ela se lembrou de experimentar levantar-se, convencendo-se que foi então que se deu o milagre. Eu tenho a certeza do contrário. E tenho pena que não vá esta a tempo, porque uma grande parte da gente que ali vai, não se convence que os milagres são feitos por Nosso Senhor, e muita gente julga que são feitos pela imagem que veem com os olhos, e não compreendem que são feitos por Ele, embora a pedido de Nossa Senhora. Digo isto pelo muito que os proprios doentes, ingénuaamente, ali confessam, e é com dificuldade que muitas vezes ali se consegue fazer-lhe compreender a realidade, devido á grande ignorância religiosa de muitos que ali passam.»

Do rev. do Padre Francisco Carlos Nunes, Vigário Geral de Setubal, director da Peregrinação, que daquela cidade veio a Fátima em 12-13 Julho 1928 recebemos o seguinte relato.

Fernanda de Jesus, domestica, de 31 anos de idade, natural da freguesia de São Simão de Vila Fresca d'Azeitão, concelho de Setubal, em cuja igreja casou com João Gomes Nogueira, natural d'Alhos Védros, concelho da Moita do Ribatejo.

Em 15 de abril de 1917 adoeceu com um tifo, que ela chama negral, ao que sobreveio uma pleurezia de que foi operada em Setubal pelo dr. Pereira d'Almeida.

Em 1918 sofrendo duma ovarite recolhe ao Hospital de Santa Marta de Lisboa, onde permanece 3 mezes, tratada pelo dr. Gentil, que a não quiz operar receando complicações.

O sofrimento agrava-se durante 3 anos passados em sua casa, até que findos eles, e por conselho do medico d'Azeitão dr. Oliveira recolhe novamente ao Hospital de Santa Marta (Enfermaria do Dr. Cabeça) onde foi operada de barriga aberta, como ela diz, em 30 de agosto de 1921 pelo dr. Luis Adão, coadjuvado por dr. Pimentel e outro colega. Recolhe a sua casa em Azeitão, mas á cama, e entretanto o seu medico assistente dr. Oliveira recebeu uma carta do operador dr. Adão, recomendando o maior cuidado com a doente por causa da tendencia para tuberculose.

Com 1 mez de casa e 3 de operação sobreveiu-lhe uma meningite espinal que depois lhe atacou o cerebro. Recolhe ao Hospital d'Azeitão, onde permanece 5 mezes, findos eles, e por conselho do dr. Oliveira recolhe ao Hospital de Setubal para estudo da doença. No fim de 10 mezes agravou-se-lhe a doença, demora-se ainda mais 4 mezes.

Volta para casa (Azeitão) sente melhoras na cabeça, mas sofrendo sempre na espinha. E' visitada em sua casa pelo dr. Gentil que a aconselhou a procurar o dr. Dordio director do Sanatorio do Outão, com o qual ficou combinado entrar naquele estabelecimento, o que não foi possível, por motivos estranhos á sua vontade.

Recolhe ao Hospital de Setubal, onde, durante 8 mezes foi tratada pelo dr. Dordio, o qual de acordo com o seu colega dr. Garcia aconselha a ida da enferma para o Hospital de Santa Marta, o que ela faz, demorando-se uns dias (10) em observação no Hospital de S. José. Admitida em Santa Marta na Enfermaria do Dr. Gentil, durante 3 meses foi sujeita a varios tratamentos (raio X, in-

jecções, punção á espinha etc.) — Regressa a sua casa, agora em Setubal, melhorada, e andando apoiada numas muletas. Continua tratada pelo dr. Dordio, que a obriga a recolher-se á cama por causa da gravidade da doença. Consegue melhorar um pouco. Por causa duma chuva que apanhou recae e recolhe á cama onde se conserva por 6 semanas tratada pelo Dr. Paulo Borba que a mandou ingressar no Hospital de Setubal porque o mal ia-se-lhe agravando. E' tratada pelo dr. Borba e dr. Pereira Machado (pontas de fogo).

O dr. Dordio aconselha a entrada no Outão, o que não se realisou por falta de vaga.

No fim de 5 mezes, por pedido dela volta para sua casa, visto não se encontrar melhor. Em casa, onde se demorou 4 mezes, teve um ataque violento que a privou dos sentidos, não via, não ouvia, não falava. E' chamado o dr. Borba que a manda recolher novamente ao Hospital. Ali, uma senhora, que aparece a visita-la, promete levá-la na peregrinação a Fátima (julho 1928), mas, parece, só com o fim de a animar.

Dali em diante só fala na Senhora da Fátima, esperando o dia tão ambicionado da peregrinação. Nas vespasas o marido procura o Vigário Geral de Setubal para saber se sua mulher está inscrita, se gundo a promessa da tal senhora. Este responde que não, que tal senhora não lhe falou da doente, que a lotação está esgotada, que nem mesmo pagando a passagem póde ir. Um peregrino seu visinho cede o seu bilhete a favor da doente! mas não tem dinheiro; faz-se uma subscrição na freguesia de S. Sebastião de Setubal, que passou de 300\$000 reis. Ha outro peregrino que desiste por doença, arranja-se bilhete para o marido. Já podem ir os dois.

Na vespera, (11 de julho) sae do Hospital para casa duma amiga; o rev. Vigário geral vae ali confessa-la, encontra-a paralitica, anima-a, conforta-a e diz-lhe. Vamos a Nossa Senhora da Fátima buscar a saude para ti.

No dia 12 parte para Fátima, contra a opinião dos medicos, um dos quaes declara que ele váe morrer no caminho (dr. Pereira Machado).

Em Torres Novas já na camionete julgou ser verdadeira a profecia do medico, julgou que ia realmente morrer.

O rev. do P.e João Nunes Ferreira, que foi incançavel em atenção, gentilezas e caridade para com os peregrinos, mandou administrar á doente um caldo de galinha que a renimou um pouco.

Chegada a Fátima, e apoz a visita á capela das Aparições, as dôres, suas companheiras de longos anos, desapareceram.

E quando o Padre Nunes Ferreira recomendava aos maqueiros o maximo cuidado, pois que a doente sofria muitas dôres, ela sorrindo-se dizia para consigo «As minhas dôres, mas onde estão as minhas dôres!!!»

O que se passou depois, já a Voz o relatou em seu numero de agosto, e que vamos reproduzir para o relato ficar completo.

«Quando a peregrinação de Setubal fazia os ultimos preparativos para o regresso, uma doente trazida por essa peregrinação, de nome Fernanda de Jesus, que havia sete anos se achava paralitica, quis que a levassem novamente á capela das aparições para se despedir de Nossa Senhora.

Tendo entrado no Santuario, ella, que de modo nenhum era capaz de mover-se, levanta-se de repente e abraça-se á Imagem da Virgem, chorando de alegria e comoção. Não se póde descrever o que então se passou no recinto das aparições. O entusiasmo da multidão atingiu as raia do delirio e foi no meio dum cortejo de milhares de pessoas e do estrondo duma ovação formidavel á Rainha do Céu que a feliz peregrina se dirigiu ao Posto das verificações medicas para a constatação da sua cura.»

No regresso voltou para o Hospital onde o Dr. Paula Borba lhe passou o atestado junto, sahindo depois de oito dias para sua casa, onde faz a sua vida normal com seu marido.

Medicos que ela consultou, e muitos dos quaes a trataram durante onze anos de sofrimento:

Em Azeitão — drs. Oliveira, Castro, e Teixeira.

Setubal — drs. Pereira d'Almeida, Paula Borba, Pereira Machado, Mendes Dordio, Fernando Gama, Barreto Carvalho, Miguel Torres, Abreu, Souza Gomes.

Alhos Védros — um medico já falecido, cujo nome não se recorda.

Lisboa — Drs. Gentil, Alves, Fontes,

Paes Laranjeira, Pinto Coelho, Damas Móra, Dias da Silva, Cabral, Luiz Adão, Pimentel, duas medicas, e outros medicos cujos nomes não ocorrem.

Da carta de uma senhora de Setubal (18 de julho), grande propagandista da devoção a N. Senhora do Rosario da Fátima recortamos o seguinte, a proposito da mesma cura:

«V. Rev. cia foi no dia 13 a Fátima? Assistiu á cura da paralitica que foi na peregrinação de Setubal?»

Graças a Nossa Senhora, ficámos mais crentes e muito reconhecidas pela grande graça concedida a uma Setubalense! A doente foi com muita fé por isso Nossa Senhora a ouviu.

Eu não fui na peregrinação mas espero ir ainda este ano visitar esse logar santo, se Deus assim o permitir.

Graças ao Jornalzinho a «Voz da Fátima» e á agua bem dita desse logar tem havido muitas curas e sobretudo algumas conversões.

A um tuberculoso sem religião, que não queria ouvir falar em confissão, só registado, quasi a morrer, lembrei-me de mandar a agua de Nossa Senhora para ele beber e com tanta fé a bebeu, que no dia seguinte quiz confessar-se.

Fez uma boa confissão, casou em seguida e dois dias depois faleceu, cheio de fé e devoção que edificava. Graças á Nossa querida Mãe refugio dos pecadores.»

Maria Isabel de Saldanha Oliveira e Souza, encontrando-se gravemente enferma quasi desenganada pelos medicos, tendo-se invocado Nossa Senhora de Fátima e bebendo ela a água milagrosa, com a promessa de ir a Fátima agradecer a sua cura e publicá-la, melhorou em poucos dias, podendo em pouco tempo seguir a sua vida trabalhosa.

Era tão grave o seu estado que a médica Patacho disse que não durava 3 mezes e não a achou capaz de fazer a viagem da Louzã para Parede.

Depois da promessa poude fazer a viagem, restabeleceu-se e pode com o grande trabalho que tem no Sanatório.

As confissões no Santuário de Fátima

Quando vamos a Fátima, observamos, graças a Deus, os desejos sinceros de tantos crentes que procuram tão ansiosamente os santos Sacramentos da Penitência e Comunhão. Caríssimos Colegas, satisfaçamos tão piedosos desejos levando todos a sua batina e, com ela vestidos, estejamos preparados para ouvir os fiéis no Santo Tribunal da Penitência. Não fiquemos satisfeitos enquanto não confessarmos cada um, ao menos, 15 pessoas em honra dos 15 mistérios do Santíssimo Rosário. Cada um que lá vai, se já tiver passado os 8 dias depois da última Confissão, não fique também satisfeito sem purificar a sua alma naquele santo lugar.

Recomendemos também aos fiéis que façam a sua preparação antes de se aproximarem do confessor para, apenas chegarem, dizerem ao Sacerdote quando foi a última Confissão e quais as faltas que a consciência lhes acusa, começando pelas mais graves.

Vosso colega muito dedicado

Padre Francisco Rodrigues da Cruz

Faço minhas as recomendações do venerando Sr. Dr. Cruz que todos tanto estimamos e peço encarecidamente:

- 1.º Ao Rev. Clero que as atenda;
- 2.º Aos Fiéis que procurem a Santa Confissão nas suas terras, deixando logar áqueles que ali forem tocados pela graça do Senhor por intercessão de Maria Santíssima e aos que nas suas frêguesias não tem socorros espirituais.

Leiria, 1 de Outubro de 1928.

† José, Bispo de Leiria

ALMA ELEITA

(3-X-1928)

Quando o bom povo desta heróica e nobre terra via a crença e ver em férrica escravidão, á Fátima, qual nor do empírio em plena serra descia a Virgem Mãe—celestial visão!

Pairava sobre o mundo a signa atroz da guerra o ar, a terra e o mar votando á maldição, mas na Cova da Iria etérea voz encerra promessas aos zagais de graça e de perdão.

Onze anos já lá vão: no altar resplandecente vai Lúcia de Jesus, a mística vidente, sagrar-se para sempre esposa do Senhor.

E os dois primos no Céu contemplam-na sorrindo, de vida e luz e paz sulcando o oceano infindo, aos pés da Mãe de Deus e aos pés do Rei de amor

Visconde de Montelo

Esmol e obtidas em varias Igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FÁTIMA»

Da Igreja do S.S. Coração de Jesus, de Lisboa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde Cunha Xavier, em Agosto e Setembro de 1928	47\$20
Da freguesia de Sant'Iago de Cezimbra, por mão de D. Gertrudes do Carmo Pinto, Julho e Agosto	49\$50
Da Igreja de S. Mamede, em Lisboa, por mão do sr. Antonio de Figueiredo	12\$50

Voz da Fátima

Despeza

Transporte	119.924\$78
Papel, composição e impressão do n.º 72 (49.500 exemplares)	2.965\$00
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despezas	842\$82

123.732\$60

Subscrição

(Novembro de 1927)

Enviaram dez escudos: Antonia Miranda Faria, Emilia Pinheiro e Paiva, Carolina Cardoso, Angela da Silva Vieira Taveira, Maria Adelaide Ferreira, Henrique Pereira, Emilia Pascoal da Silva, Amelia Silva Pereira, P.e Antonio de Seabra Pereira Lima (5\$00), P.e João Lopes Gomes, Manuel João da Silva, Maria Caetana de Carvalho (50\$00), Maria Liberata de Seabra Pereira Lima (5\$00), Matilde Garcez Cabral, Maria da Piedade Paiva, Adozinda Seabra Ferreira da Silva, Maria Clotilde Coelho Carvalho, Carmina S. Franco, Matilde de Sousa Figueiredo, Maria Candida da Silva Pain, Aurora Sofia dos Santos Niz, Gualtier do Quental, Maria Isabel Pereira Coutinho, Fernando de Matos, Henriqueta da Piedade Franco, Maria Rua Duarte, Julieta Alves Vedras, Olimpia Pereira Coutinho, Alice da Silveira d'Assis Martins, Maria Tereza Pinheiro Chagas, Maria Eugénia Barrenta, Maria Isabel dos Santos Fonseca Jorge, Candida Nunes Ribeiro, Feliciano Lopes, Maria José Barros Lima Salgado, Amelia Vila Noemia, Tereza Lourenço, Almerinda Alem, Elisa Penaforte Cardoso, Eulalia Contreras, Emilia de Vasconcelos Miranda, Maria Joana Arraya, Maria da Encarnação Pinto, P.e José Miguel F. de Moura, Joaquim de Sousa Guerreiro, Candida S. C. e Costa, Manuel dos Santos Charneco.

Abtigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.187\$55
D. Felismina do Rosario Bonifacio	5\$00
Anonima da Madeira	10\$00
Anonimo	10\$00
	2.212\$55